

A COMUNA

ORGÃO COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo quinzenário A ALAVANCA)

PROPRIEDADE DO GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA — (Formulário de la loi)

Editor: ANTONIO R. SANTOS

Redactor principal: ANTONIO TEIXEIRA

Administrador: DAMIÃO CASTELO

Comp. na Tip. de «A COMUNA» — Imp. na Tip. A INTERMEDIÁRIA, Porta do Sol, 32

Redacção e Adm., (Provisória):
RUA DO SOL, 131 — PORTO

CORRESPONDÊNCIA:
APARTADO 17

NÚMERO AVULSO: 5 CENTAVOS — Série de 10 números: 500

UM PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO SINDICAL

A União dos Sindicatos de Viena, na reunião de 10 de Agosto, propõe a discussão das organizações e congressos onde seja apresentado este projecto de orientação sindical que é proposto pelo camarada Hercllet e pede-lhes que se inspirem nas idéas que contem para a elaboração dum programa da acção revolucionária a opôr ao Congresso Confederal d'Orleans, ao programa do sindicalismo reformista.

Quando se pensa que o primeiro sustentáculo natural do capitalismo, da direcção patronal, da produção e da repartição actuais, é o Estado, não se lhe pede, não se lhe impõe uma reforma inútil e quasi sempre nociva para a classe dos produtores; procura-se pura e simplesmente suprimir esse Estado.

O Sindicalismo deve tender a tornar inúteis as funções governamentais, a substituir o Estatismo, o centralismo burocrático, com as suas incompetências e as suas inutilidades, pelo regime federal-sindical, com a oficina e o sindicato como células constructivas.

O sindicalismo deve colocar-se em face do velho sistema estatista como uma nova potência de organização única adequada à industrialização moderna, capaz de a substituir vantajosamente para a grande maioria dos indivíduos.

A própria existência do Estado é a garantia suficiente, para o capitalismo, da continuação das formas económicas actuais.

O sindicalismo não está no seu papel quando pede aos governos uma reforma capaz de sancionar a função opressora do Estado e assentar o capitalismo em bases viáveis, e isso sem o menor interesse para a classe explorada.

Assim como o sindicalismo se deve colocar como uma potência de organização em face do velho sistema estatista, também deve surgir em frente da direcção patronal como uma nova potência de direcção técnica e industrial. Esta nova direcção é necessária às sociedades modernas, pelo menos, desde o advento do maquinismo.

Como adversário natural e irredutível do Estado, da direcção patronal e do salariato, o sindicalismo tem hoje uma tarefa destructiva, revolucionária, a realizar, nada podendo ou devendo pôr de parte para atingir os seus fins; não está no seu papel quando preconiza uma reforma que, organizando a produção de uma maneira mais moderna, realizaria ao mesmo tempo um progresso técnico de que só o capitalismo beneficia, em detrimento da classe operária.

O capitalismo e a direcção patronal que só tem como razão de actividade a miragem dos lucros e não o interesse geral, não se adaptam à nossa época; não compete pois, ao sindicalismo insuflar-lhes vida. O sindicalismo deve procurar, ao contrário, entrar por todos os meios ao seu alcance, a exploração capitalista e a direcção patronal.

A oficina será a célula constructiva da sociedade nova. Retomamos assim um tema querido de Proudhon; o futuro provará que a razão estava com elle. Os sindicatos tem o dever de não desprezar esta célula constructiva, fazendo, bem ao contrario, assimilar esta idéa pela classe operária.

E' pois sobre a oficina que os nossos esforços devem incidir. O sindicato de indústria deve desde já preparar-se para o papel de constructor que deve desempenhar na sociedade transformada.

A preparação dos indivíduos para uma tarefa constructiva deve marchar de par com a preparação para a revolução que é a única razão de ser do sindicalismo contemporâneo.

Grupos de operários sindicalistas — devem formar-se nas oficinas, nas fábricas, nos armazens por atacado e nos bancos, em toda a parte onde há homens sob o domínio económico duma minoria de ganhões. Estes grupos que chamaremos: Comité ou Conselho de oficina, de fábrica, etc., serão os organismos destinados a substituir a direcção patronal capitalista... Serão ao mesmo tempo focos continuos de propaganda revolucionária, porque implantando-se na fábrica, em face da direcção capitalista, aprenderão a conhecer as suas forças de organização, de direcção industrial e experimentarão melhor a necessidade da revolução.

Estes comités deverão conhecer toda a técnica da fábrica, a economia industrial, os meios a empregar para, quando estiver garantido o trabalho para eles e para a comunidade, diminuir o esforço de cada um e aumentar a produção em proveito de todos. Só a partir desse dia, poderá a classe operária aproveitar os beneficios do maquinismo moderno.

O comité de oficina deverá, na medida do possível, conhecer tudo, tomar posição em todas as discussões entre patrões e empregados.

Intervirá sempre que se tratar de obter melhoramentos de higiene, de disciplina, de direcção, de horas de trabalho, de salário. Procurará conhecer as quantidades de matérias primas necessárias à boa marcha da fábrica, os preços de compra, de fabrico e de venda, os lucros, etc., e aproveitará esses conhecimentos num fim de propaganda.

Que fará o sindicato de indústria nesta organização de comités de fábricas que deverá ser a sua obra? Em nossa opinião, será o centro, a organização central dos comités de fábricas da mesma indústria e da mesma cidade, como é, já hoje, a união dos trabalhadores da mesma indústria.

Os comités de fábrica (ou de oficina) terão uma caixa autonoma do sindicato, para fim de propaganda. Esta caixa será

criada por um extorção do sindicato de indústria sobre as quotizações sindicais, pelos operários das fábricas.

Se fôr necessário, e segundo o desejo de cada comité, perceberá uma quotização suplementar que deverá ser sempre minima.

Naturalmente, os comités em questão, terão a seu cargo, arrecadar as quotizações dos sindicatos respectivos. Terão o cuidado de verificar que todos os operários da fábrica tenham a sua caderneta confederal. Todavia, no recrutamento sindical, a imposição nunca deve ser empregada, visto que constitue uma prova de fraqueza na argumentação revolucionária, sendo necessário que a propaganda se faça interna e documentadamente para convencer todo o pessoal da fábrica.

O comité de fábrica deverá ter vida própria e independente, sendo a sua organização interior autonoma das organizações sindicais, como hoje os sindicatos o são quanto às Uniões e às Federações de Indústria. Nenhuma destas decisões poderá ser anulada, seja por quem fôr, para que a sua acção não degenerem em colaboração de classes; neste caso, o sindicato terá por dever proclamar a dissolução do comité procedendo imediatamente à organização dum outro núcleo de propaganda revolucionária no interior da fábrica.

Só os Congressos de todos os comités de fábricas da mesma localidade poderão dar directivos revolucionários ao movimento dos Comités da Cidade. Os sindicatos de indústria serão representados com votos deliberativos, iguais para o conjunto dos sindicatos locais, pelo menos ao número de votos dos comités de fábrica da mesma cidade.

Congressos regionais, onde serão sempre representados, como nos congressos de localidades, em igualdade de votos os sindicatos de industriais da região, poderão regularizar e organizar a propaganda regional.

Dar a conhecer os resultados obtidos em tal ou tal fábrica, quais as modificações e transformações técnicas mais interessantes a introduzir ou a aproveitar, quais os sistemas de propaganda, de luta, de tática e de argumentação que tenham dado melhor resultado, eis também o papel dos congressos regionais. Terão, além disso, por dever organizar na região a difusão dos jornais amigos que defendam e sirvam o movimento dos comités de fábricas.

Nas localidades, nos bairros, nas oficinas, núcleos de difusão de jornais, brochuras, manifestos, serão criados pelos comités de fábricas e sindicatos de indústria. Bibliotecas, salas de leitura, de recreio artistico poderão instalar-se, aproveitando edificios associativos condignos. Os comités de fábricas podem aí reunir-se também.

Qual será o papel do comité de fábrica na declaração duma greve geral e na orientação do movimento? Primeiro que tudo, é qual é a nossa concepção da greve geral?

Considerando que o sindicalismo tem como fim o desaparecimento do salariato, desejamos que o sindicalismo seja revolucionário na razão directa da violência legal ou illegal que o capitalismo personificado no Estado, empregar para a defesa dos seus privilégios.

Repelimos com desprezo o sindicalismo chamado reformista, como inutil e nocivo para a classe operária.

A greve geral só pôde ser revolucionária.

Fazer revolucionarismo, é, pelo menos, sair da legalidade, da lei; não se derruba um regime quando se aceita como limites da acção os fixados por esse regime; não se derruba um regime estabelecido pela violência, que se mantém pela violência, empregando a doçura e colaborando com ele, menos ainda, pedindo-lhe reformas que só servem para justificar a sua opressão.

A greve geral só pôde ser violenta.

Pensamos que sem violência só à greve legal (braços cruzados) e, consequentemente quando os meios não são revolucionários, os resultados não o podem ser.

Aceitamos a greve geral com fins de revolução, ou pelo menos, como ponto de partida para garantias revolucionárias reconhecidas como tais.

A greve geral não deve ser, em nossa opinião, declarada por intervalos de dias; todas as forças do sindicalismo devem ser desencadeadas durante uma semana, o máximo, caracterizada pela acção directa e sob todas as formas de insurreição. Uma propaganda intensa deverá ser feita no exército para convidar os soldados a não substituírem os seus irmãos em greve e recusarem-se a matá-los.

Qual será o papel dos comités de fábricas ao declarar-se a greve geral?

Logo que seja avisado pelo sindicato de indústria a que pertence, o comité deverá reunir todos os trabalhadores da fábrica para lhes comunicar a ordem de greve e convidá-los a fazer o que fôr preciso para paralisar completamente a fábrica, pela persuasão e por todos os meios possíveis.

Obtido o resultado na sua fábrica, deverá nomear dois ou tres dos seus membros para formar o comité de greve da fábrica, devendo os outros militantes pôr-se à disposição dos outros comités de fábricas e das organizações sindicais, para todos os fins uteis.

Desde que a fábrica vitoriosa do movimento esteja segura, os comités de fábricas deverão simultaneamente, em todos os pontos do território, proceder à expulsão da fábrica da antiga direcção patronal e organizar a produção de acordo com o sindicato de indústria e as organizações centrais.

O mesmo procedimento será adoptado pelos comités dos estabelecimentos de comércio que deverão, de acordo com o seu sindicato, organizar localmente a divisão dos productos, por um modo egualitário, dentro das disponibilidades armazenadas. Deverão, em seguida, dar conhecimento às organizações regionais, da quantidade de matérias primas e de productos manufacturados de que dispõem, de forma a garantir o abastecimento sobre bases, pelo menos, normais.

Oportunamente a defesa da fábrica deve ser organizada pelo seu comité.

Esperamos ter dado, pelo nosso projecto, uma base nova de orientação sindical e, também, pelo comité de oficina um

NENO VASCO

Quando recebi, em Espinho, um telegrama dando-me a infame noticia do falecimento deste querido amigo e inesquecível camarada, senti uma dor profunda que não pude esquecer, como queria, umas breves linhas para o último número de A COMUNA. O sentimento pôde mais do que a vontade.

Eu tinha-o visitado, em S. Romão, havia dias. E o seu estado de saúde, conquanto não fosse muito animador, não me fizera prever para tam breve, aquêle desenlace fatal. Estava mal, mesmo muito mal; mas a esperança que depositava na cura, esperança que nunca o abandonava, levava-o a falar-nos de diferentes coisas, entre ellas a conclusão do seu livro, cujo primeiro volume está prestes a sair.

E estas palavras, pronunciadas vagarosamente, mas com a firmeza das almas fortes, daquelas almas que não se rendem à evidência do perigo, iludiam até os espiritos mais conhecedores das doenças como a que vitimou tam rapidamente Neno Vasco.

Assim, quem o ouvisse, não diria que elle estava tam próximo do fim. Sôsinho, entre aquelas quatro paredes do quarto do hotel onde se encontrava, elle architectava projectos sobre projectos, que expunha, depois, aos amigos, aos camaradas, em amena cavaqueira.

«Após o meu livro, cujo primeiro volume já está pronto — dizia-nos elle — vou publicar um *Cancioneiro Revolucionário*, com música e letra; depois organizarei um volume só com artigos de Malatesta, artigos que são sempre de palpitante actualidade, porque Malatesta é um militante anarquista dos mais praticos que eu conheço. A seguir, dedicar-me hei a outras coisas que me parecem necessárias, sobretudo para desfazer equívocos, malentendidos e confusões. Há muito que desbravar, infelizmente.» E por aqui fôra explicava, corrigia, com uma lucidez de espirito, que a toda a gente dava a impressão de que estava quase restabelecido, para retomar o seu lugar no posto de combate que a doença o obrigara a abandonar.

Final... Final, a tuberculose pôde mais do que a vontade que o animava — roubou-o ao convívio da familia, dos amigos e dos camaradas, para o atirar à vala comum!

Ah! Com que tristeza, com que mágoa, elle havia de ver aproximar-se a hora da despedida, sem pôde concluir aquilo que projectára, aquilo que era toda a sua preocupação — o seu livro!

Morreu o Neno Vasco. A sua vida, foi a vida dum verdadeiro e immaculado Apóstolo

da Anarquia — uma vida exemplar, sempre conseqüente com as idéas que defendia em público.

Quando estalou o conflito europeu, Neno Vasco não perdeu a serenidade; conservou-se no seu campo. Ele, que sempre foi contrário à guerra, que sempre a combateu, que elle tivesse um carácter offensivo, que um carácter defensivo, continuou a demonstrar, na *Aurora*, o papel que deviam desempenhar os anarquistas nesse momento histórico. Alguns jornais, nomeadamente *Accion Libertária*, de Gijón, não gostaram da sua e nossa attitude, e saíram à liça, combatendo os princípios anarquistas que, na *Aurora*, se defendiam com hombridade.

Neno Vasco, com uma paciência sem limites, provou aos camaradas da *Accion* que estavam em erro. Os anarquistas não podiam, nem pôdem, ser guerristas, pronunciar-se por este ou por aquele grupo de potências capitalistas, provocadoras, por ambição, dos conflitos armados. E hoje, quem quiser, pôde avaliar quanta razão lhe assistia. Alguns guerristas dessa época já reconheceram que o seu procedimento não foi coerente com os princípios anarquistas que propagandeavam antes da guerra, e emendaram a mão...

O mesmo se deu com a tão decantada «ditadura proletária». Neno Vasco não se deixou enlevar com o barulho que se fez em torno da Revolução Russa. «Aquilo — dizia-me elle — numa carta — não é o que nós queremos. Os indivíduos que defendem a «ditadura proletária», fariam bem melhor declarar-se marxistas ou neomarxistas. Lucraria com isso a clareza e evitar-se-iam confusões, tanto ou mais perigosas do que aquelas a que assistimos durante a guerra europeia.»

E com effeito, os anarquistas tem um fim, um alvo a atingir — o Comunismo Libertário. E' para elle que devem caminhar, nunca se desviando da sua trajectória. Que importa que nos matem o bicho do ouvido com exemplos, com figuras, com relóricas, se tudo isso, não passa de eleger os amos que, amanhã, nos hão-de tirar, como nos tiraram os amos de hoje?...

Morreu o Neno. A familia anarquista está de luto. Que, ao menos, o seu exemplo de tenacidade, de trabalho, de estudo, sirva de exemplo a todos nós, e especialmente aos novos, para continuarmos, a obra que elle nos legou.

Será esta a melhor prova de solidariedade de que, vivamente, queremos o triunfo definitivo da Anarquia.

Espinho, 20—9—1920.

ALVES PEREIRA.

organismo de propaganda que, no futuro, poderá ser formidável e dará certamente o máximo resultado que dele esperamos.

Aos camaradas, agora, compete fazer a critica e os retoques precisos ao nosso projecto que, até certo ponto é simplesmente especulativo, tendo em conta os acontecimentos da hora que passa.

A. HERCLET

Secretário da União dos Sindicatos de Viena

PARA A HISTORIA

O BANDITISMO MODERNO

(CONTINUAÇÃO)

É em todos os domínios, factos que punham a pratos de poje os espiritos armados dos meios ordinários de investigação lógica, aclaravam-se e explicavam-se desde que se incluía no número dos factores de interpretação o *Comité des Forges*.

Convém, pois, impôr este elemento, no debate social que nos ocupa.

A acção do *Comité des Forges* domina tudo.

É a origem da guerra.

Está dentro da própria guerra.

Subsiste na paz.

Tentemos pôr esta acção em evidência.

Em torno das origens da guerra

Que o *Comité des Forges* é um dos promotores da grande carnificina, não há hoje a menor sombra de dúvida: salta do exame da situação de antes da guerra e das confissões que, por vezes, lhe escapavam.

Nas vésperas da guerra, com a sua produção de fundição que sobe, em dez anos, de 2.450.000 toneladas a 5.311.000, com a sua produção de aço que passa de 2.207.000 toneladas, em 1902, para 4.954.000 em 1912, a metalurgia francesa atinge o minimum da sua produção; o mercado nacional, o único que ela pode inundar com a sua tonelagem, achava-se literalmente abarrotado.

E, contudo, os anos de 1910 e 1914 marcaram um impulso considerável da metalurgia.

Edificaram-se imensas fabricas; abriram-se poços mineiros com verdadeiro frenesi; pedidos de concessões choveram nos ministérios, onde, enfim, se decidiram a saltar por cima das resistências legislativas. Deliberadamente, a siderurgia francesa corria com uma crise de superprodução para um *krach* geral e formidável. A não ser que tivesse desde 1912, a certeza de que os mercados exteriores se abrissem para a colocação dos seus produtos em excesso.

O obstáculo era a metalurgia alemã.

Atingindo um alto grau de perfeição e de produtividade, tendo hulha em abundância, a siderurgia alemã era invencível pelos meios ordinários da concorrência capitalista.

Açambarcava completamente o mercado mundial. Os seus produtos manufacturados, as suas máquinas transpunham as fronteiras mais defendidas e guardadas, introduziam-se na própria França, que era forçada a aceitar os produtos *made in Germany*: não havia outros! Os preços elevadíssimos que atingiam a fundição e o aço vendidos pelos *comptoirs* metalúrgicos franceses paralisavam as indústrias de construção.

Exceptuando certas especialidades de vulto, não havia em ilação neste domínio. Moageiros, refinadores de açúcar, tintureiros, agricultores, todas as indústrias em 1914, foram largamente tributárias do maquinismo alemão; nenhuma deixava de pedir meios de acção e ciência aos engenheiros e químicos da Alemanha.

Tudo isto determinado pelo erro primordial do *Comité des Forges* e do seu acólito: o *Comité da Hulha*. Qual era, com efeito o objetivo capital destas associações? Realizar o maior lucro possível na colocação duma tonelagem relativamente reduzida; procurar mercado, mais remuneradores e mais particularmente as encomendas do Estado; ganhar dinheiro e rir-se do resto...

Uma tal mentalidade, uma tal moralidade são verdadeiramente criminosas. Veremos que não desapareceram com a guerra; veremos que, a despeito de todos os hinos à produção «o malthusianismo» económico está como nunca em foco...

O argumento invocado pela metalurgia para manter os seus preços elevados era o carvão. «O custo do carvão», diziam, condiciona e determina o preço de custo da tonelada de fundição. Ora, nós pagamos o nosso carvão 20 0/0 mais caro do que os nossos concorrentes estrangeiros; somos, relativamente ao combustível, largamente tributários dos nossos concorrentes; os nossos preços não podem rivalizar com os deles.»

Há nesta defesa um laivo de verdade aparente. Mas na solidariedade das explorações capitalistas, o argumento do Alto Forno volta-se contra o Póço do Carvão.

Porque razão, os proprietários mineiros cediam a hulha a um preço que deixava no preço de custo uma margem muito superior à estabelecida na Inglaterra, na Bélgica e na Alemanha? Especulavam com a situação deficitária do país, para realizar lucros em duplicado e em triplicado dos que as Companhias carboníferas inglesas, belgas e alemãs estabeleciam e com os quais se contentavam. Eis a escola francesa do capitalismo sclerado.

Mas o argumento do *Comité des Forges* perde esse laivo de verdade se considerarmos que a abundância do minério de ferro punha à sua disposição um meio real e eficaz, de igualar os preços de custo, pelo menos na região de Leste. Havia aí, entre a siderurgia francesa e alemã, um sistema de trocas — ferro-carvão — pelo qual os nossos industriais se abasteciam de coque em condições vantajosas, enquanto que os alemães recebiam minério de que careciam em absoluto por motivos técnicos. M. Louçieur, chamado a depor perante a comissão de inquérito à metalurgia, afirmou que o preço de custo da tonelada de aço nas fábricas francesas não era superior ao preço de custo da tonelada de aço nas fábricas alemãs, mas que os industriais filiados no *Comité des Forges*, tiraram lucros de 30 a 35 0/0 mais elevados que os dos industriais alemães.

Bem entendido, este super-lucro era tirado ao consumidor francês. A causa de inferioridade da indústria francesa não eram as condições económicas desfavoráveis, nem a deficiente qualidade dos meios técnicos, era unicamente o espírito, a mentalidade rãpaca do capitalista francês que nunca se contentou com um lucro restricto, que visava sempre ao lucro máximo. Não vemos nós, antes de 1914, a Bélgica desfavorecida com respeito ao combustível — obrigada a importar hulha para a sua indústria — e totalmente desprovida de minério de ferro, consentia a livre exportação alemã até 80 0/0 dos seus produtos metalúrgicos.

Até que ponto a siderurgia do Leste aceitava a tutela alemã, não o sabemos.

Não podemos admitir que se lá houvesse industriais, tipo Endel, inteiramente identificados com o *statu quo* lucrativo, havia outros que alimentavam ambições maiores. Estas deviam encontrar no elemento anglo-belga, incitamento e apoio.

Constatamos nêles tentativas caracterizadas de fuga ou,

PRISÕES

Porque nas ruas do Porto foi distribuído um pasquim intitulado *Alerta*, obra que se não saiu da própria policia, foi certamente forjada por um doido, mas destes doidos, a quem nunca deu para bater com a cabeça pela paredes, mas somente para fazer obras que acarretem sobre os outros violências e perseguições, escondendo-se prudente e covardemente, no anonimato, foram presos no princípio desta semana vários camaradas que nenhuma responsabilidade tem na publicação do referido pasquim.

Por seu turno a imprensa burguesa e principalmente a *Tribuna* diário democrático cá do Burgo, tratou de — copiando os processos jornalísticos do órgão sidonista de Lisboa — relacionar a prisão daqueles camaradas, com certos movimentos revolucionários, de origem desconhecida, e que, por aí se afirma estarem na forja.

Ora se entre os políticos republicanos há quem tenha por dever tratar os anarquistas do Porto com o maior respeito e consideração, é certamente aos que pontificam na *Tribuna* que mais se impõe esse dever, porquanto, sabem muito bem qual a acção exercida pelos anarquistas na preparação e realização do movimento revolucionário de 13 de Fevereiro, quando os heróicos revolucionários republicanos tinham prudentemente — para não dizer outra coisa — cedido o terreno ao inimigo. E tão verdade é isto, que muitos desses anarquistas ainda hoje podem exhibir cartões de identidade como revolucionários civis e chefes de grupos, passados e assinados pelos senhores da *Tribuna*.

Quanto aos da segurança, bom será — bom e prudente — que de futuro não responsabilizem elementos cínicos e honestos, por *garotisses* ou *maluqueiras* de alcance duvidoso.

Sim! porque esta coisa de confeccionar uma salada de Bolxevismo Anarquismo e Nihilismo, e tempera-la com cordas de enforçar policiaes, se não é obra de doidos ou de garotos é, pelo menos de... patifes!

CENTRO COMUNISTA DO PORTO

Reuniu a assembleia geral deste Centro tratando entre outros assuntos de eleger a nova Comissão Administrativa, que deverá tomar posse no dia 3 de Outubro, e ficou composta dos camaradas N. T. de Carvalho, P. Gonçalves, Boaventura, M. B. Fernandes e A. de Sousa. Resolveu-se mais contribuir com 50300 escudos para a subscricção *PRO-BATALHA*, importância que já foi entregue na administração de A COMUNA.

melhor dizendo, de emancipação hostil relativamente à siderurgia alemã. A descoberta da bacia mineira de Camoine, em 1910, a fundação em 1912, duma Sociedade Geológica e mineira da Sambre belga sob o patrocínio de Pont-à-Mousson e da marinha; a criação de imensas *cokeries* nas Flandres belgas para a transformação do carvão inglês: tudo isto deve tornar-se como o sinal certo duma ruptura económica — fenómeno ligado ao plano inglês de isolamento da Alemanha de que Delcassé foi, em França, o obreiro mais zeloso e Poincaré o instrumento mais dócil.

A metalurgia inglesa sentia-se atingida nos seus fundamentos vitais. Penosamente a sua produção fraquejante, mantinha-se em 1913, na tonelagem de 1900 — pouco mais ou menos 9.000.000 de toneladas de fundição, enquanto que no mesmo período a produção francesa passava de 2.700.000 a 5.311.000 toneladas e a produção alemã de 7.500.000 a 17.800.000 toneladas. A decadência da siderurgia britânica, foi sem dúvida alguma o factor económico mais cheio de consequências do começo deste século. A Gran-Bretanha viu cair das suas mãos orgulhosas o sceptro do Império do mundo.

No espaço de alguns anos, com um movimento de catapulta, irresistível, a hegemonia alemã estendeu-se a toda a Europa, à Africa, à Asia. O mal não tinha remédio. Distanciada já pelos meios científicos, a siderurgia inglesa via esgotarem-se as suas fontes de abastecimento de minério. Os seus jazigos metalíferos empobrecidos, apenas acusavam produções decrescentes. A Espanha e a Suécia, seus fornecedores, viam-se embaraçados com as ofertas tentadoras da Alemanha. Thyrsen levava-lhe o minério normando, e fundava em Caen altos-fornos e um forte de exportação.

Maunesmann, em Marrocos, não lhe deixava uma polegada de concessão.

Por toda a parte a luta pelo minério provocava tragicamente a decadência e a humilhação da siderurgia britânica. A situação ia tornar-se insustentável. Era a derrocada e a morte em perspectiva. A *Entente* nasceu, desenvolveu-se, fortaleceu-se, transformou-se em aliança, sob o aguilhão deste perigo avassalador, sob a ameaça da catástrofe, que a todo transe se procurava conjurar.

(Continúa).

"Comodistas..." como nós!

Agiladores profissionais, agentes habituais de desordem, são classificações que nos não podem ser applicadas com verdade e justiça. Revolucionários sonros, é certo, e sempre com inteiro desassombro o afirmamos. Mas revolucionários exactamente porque ambicionamos a verdadeira, a perdurável ordem que só pôde existir numa organização social em que os interesses de todos livremente se equilibrem, a garantir uma harmonia inalterável.

Bolxevistas não o somos igualmente. A revolução russa é verdade que pôde ser para nós um incentivo, mas nunca um modelo. Habitua-se a falar sem reboço e sem temor, com pena de todas as penas, nada obstará a que confessássemos francamente as nossas tendências bolxevistas, se acaso elas caracterizassem os nossos ideais. Estamos aqui no exercicio dum missão que é, essencialmente da propaganda. Para fazer a propaganda duma ideia é necessário expô-la inteiramente, profundamente. A sermos bolxevistas já desta doutrina teriamos feito o rasgada elogio, pondo em plano inferior a organização sindicalista. Ora a verdade é que, nas nossas referências à constituição politica da Rússia apenas nos temos preocupado em restabelecer a verdade dos factos, a desmentir muita infâmia, muita calúnia de que a imprensa burguesa se faz eco. A respeito da revolução russa temos publicado muitos depoimentos, colhidos em fontes que nos merecem crédito, e muitos pareceres, de criaturas que reputamos honestas e dignas de apreço. Não poderemos dizer quem habitualmente nos lê que só a pareceres e depoimentos abertamente favoráveis tenhamos dado publicidade. Queremos nós também — quantas vezes o temos afirmado! — fazer a revolução emancipadora, derrubar a iniquidade e a tirania, restabelecer a igualdade económica, abolir privilégios, libertar os espinhados. Simplesmente, esta revolução, tal como a ambicionamos e visionamos, não se assemelha à revolução russa, nem nos meios.

(De «A Batalha» Porta-voz da organização operária portuguesa).

COMPRAI A COMUNA NO PORTO

Vende-se em todos os Quiosques e Tabacarias.

OS MINEIROS INGLESES

Quando este número da COMUNA circular pelas ruas, deve estar a começar a greve geral dos mineiros ingleses, apoiados pelos ferroviários e trabalhadores de transportes, que, com eles, formam a Triplíce Aliança, organizada em 1914. Exigem eles os aumentos de 2 xelins (\$45) por dia para os adultos, 1 xelin (\$22,5) para os mais novos e 9 pences (\$16,8) para os aprendizes, além de que querem que se faça uma redução de 14 xelins e 2 pences (3 e 19), em cada tonelada de carvão vendida para consumo no país.

Baseiam eles as suas reclamações em que a indústria do carvão deixa um rendimento bruto de 100 milhões de libras, dos quais, 66 milhões, provenientes da exportação, são dissipados pelo governo em aventuras guerreiras presentes e em pagar as despesas da aventura passada, sendo só a indústria mineira, por assim dizer, que aguenta com as loucuras e dissipações dos dirigentes e imperialistas britânicos, quando esse excesso de lucros devia reverter a favor de toda a população.

Resumindo um documento oficial dos mineiros, que foi fornecido à imprensa no p. p. dia 7, observamos que, em 1915 e 1916, os representantes dos mineiros, por intermédio do Coal Mining Organisation Committee, exigiam do governo a venda ao mais baixo preço possível, do carvão para consumo no país, resultando que, pela Coal Prices Limitation Act, o aumento de preço foi limitado a 4 xelins (\$90) sobre o preço de antes da guerra. Como consequência, afrouxaram os movimentos pró aumento de salário; mas, de 1915 a 1919, o governo, esquecendo o preestabelecido, elevou o preço do carvão por quatro vezes, e em julho de 1919 foi o preço de novo aumentado em mais 6 xelins (1\$35) por tonelada, protestando os mineiros no parlamento e em público. Ante esta atitude dos mineiros, o governo prometia baixar o preço do carvão, mas com a condição dos mineiros abandonarem o direito de greve, o que eles indignadamente recusaram. Em Dezembro de 1919, os mineiros agitam-se e completam o governo a uma redução de 10 xelins (2\$25) por tonelada, e em Janeiro de 1920 os mineiros exigem nova redução, de 6 xelins por tonelada, no preço do carvão industrial, com o fim de fazer reduzir o custo da vida, o que o governo recusa. Em Maio de 1920, o governo aumenta o preço do carvão doméstico em 14 xelins e 2 pences e o carvão industrial em 4 xelins e 2 pences por tonelada, e os mineiros decidem-se então a fazer desaparecer esse aumento, ao mesmo tempo que exigem melhoria de salário, que desde 1914 só foi aumentado em 155 por cento, o que não corresponde ao aumento do custo da vida.

A greve foi votada, por uma enorme maioria, para começar no próximo dia 27, tendo o representante dos governantes apelado já para uma conferência conciliatória, mas sem que se tivesse chegado ao mínimo accordo, porque os mineiros estão bem decididos a, por seu lado, fazer triunfar a sua simpática aspiração de contribuir para fazer baixar o custo da vida opondo-se aos esbanjamentos governamentais.

As Trade Unions realizaram o seu 52.º Congresso anual, que começou no p. p. dia 6, em Portsmouth, assistindo 960 delegados, representando 6 milhões e 500 mil trabalhadores organizados (mais 120 delegados e um milhão e 250 mil associados do que no ano passado) e uma das primeiras manifestações do Congresso foi a apreciação da questão dos mineiros, que mereceu o mais franco apoio e simpatia.

O governo bem alega que o carvão já é vendido ao consumidor do país pelo custo da produção e que os lucros da venda para exportação reverterem a favor de todo o país, por intermédio do lesouro público, protestando a imprensa burguesa e governamental que uma greve dos mineiros nesta altura será a perda do comércio exterior pela paralysação geral, seguindo-se a miséria, o descontentamento e maior aumento no custo da vida, apontando os dirigentes dos mineiros como bolxevistas, que tem engatilhada a questão da nacionalização das minas, etc. O que é verdade, porém, é que, em 1914, os donos das minas propozeram aos mineiros a participação nos lucros, o que eles rejeitaram por não quererem beneficiar-se em prejuizo da população ou sem que esta beneficiasse ao mesmo tempo do seu esforço. Bela lição!

Robert Smillie, é o presidente da Federação dos mineiros e Frank Hodges o secretario, dois elementos bem interligados que fazem tremer os magnates ingleses com as aspirações que formulam em nome da sua classe.

Até que ponto elas serão atendidas não é coisa fácil de prever, não só porque este artigo é escrito justamente quinze dias antes do dia para que a grande greve foi votada, como porque, da parte do governo como da parte dos mineiros, se não vislumbra ainda um ponto de transigência, antes se preparam todos para a eventualidade da luta, que promete ser grande.

A. QUESÁRIO.

A REVOLUÇÃO SOCIAL EM ITÁLIA?

Continuam sendo bastante contraditórias as últimas notícias recebidas acerca do movimento revolucionário na Itália. Malatesta, o vigoroso lutador anarquista fazia um dos últimos números do seu magnifico diário, um apêlo aos trabalhadores de todas as indústrias para que imitassem os metalúrgicos, ocupando as fábricas e oficinas; aos camponeses, para que se apossassem dos campos; aos marinheiros, dos navios e aos ferro-viários para que só fizessem transportes que interessassem aos revolucionários.

De facto a ocupação das fábricas continua, alastrando-se já por quase todas as indústrias.

Por sua parte numerosos inquilinos tem-se apossado das habitações, arvorando nos telhados a bandeira vermelha.

Os últimos telegramas, dão como constituída uma guarda vermelha, que tem tido com as tropas regulares, escaramuças de pequena importância.

Quanto ao governo, impotente para reagir, pretende equilibrar-se, procurando entabolar negociações entre os industriais e os operários.

Eis o que se depreende das confusas notícias dadas pela imprensa burguesa.

RHILLON.

VISÕES CREPUSCULARES

O meu velho amigo, o cidadão Tibúrcio Quintas, é democrático e anticlerical.

Não se alistou como voluntário da legião que foi para França, mas atravessou todo o período tenebroso do consulado sidónio — defendendo, com a firmeza de sempre, a obra política do chefe exilado, não obstante saber-se vigiado de perto pelos bufos da preventiva. «Um verdadeiro soldado disciplinado do seu partido» — dirá o leitor — «isso nunca!» responderia Tibúrcio se ouvisse o elogio. É paradoxal, mas é assim mesmo. Tibúrcio não se submete à disciplina. Esta palavra irrita-o; ofende a sua liberdade, a sua independência que ele preza acima de tudo. Sente e exterioriza rebeldias que lhe alienariam a simpatia e a própria consideração do chefe se estivessem mais ou menos em contacto.

Por exemplo: o meu velho amigo não grama — expressão sua — nem o Norton nem o Leote; «dois adesivos — sentença — que nunca deveriam ter cabidela no partido mais radical de República».

Dada a vetustez dos seus sessenta e pico de janeiros, o anticlericalismo enragé de Tibúrcio Quintas deve ter degenerado numa espécie de doença mental tendo atingido já o período agudo em que a terapêutica se confessa — confidencialmente é claro — impotente.

Republicano dos tempos prehistóricos, Tibúrcio tropejou contra a lei de 13 de Fevereiro visando, principalmente, nas suas catilinárias anti... gramaticais, o sr. Bernardino Machado por ter, embora genuinamente, cordialmente monarquico, assinado, p'bis que foi ministro de D. Carlos, «aquela rasteira para caçar republicanos» isto quando o França Borges foi colhido, se bem que escapou sem magoar qualquer órgão.

Livre pensador, isto é, anticlerical, Tibúrcio despartou para a luta, altamente impressionado pelo episódio a que deu lugar o enterro civil do dr. Aires Maia, em 1877 — o primeiro enterro civil, realizado em Lisboa — que provocou ao reacionário prior da Santa Justa, Tavares de Pinho, um artigo estupidamente jesuítico publicado na velha gazeta *A Nação*, alvejando, rancorosamente, o falecido iconoclasta.

A partir dessa data, Tibúrcio dedicou-se, de corpo e alma, à propagação anti-clerical, adoptando um sistema ultra voltairiano, uma linguagem pitoresca, *sui generis*, onde entrava a piada revisteira a mais escabrosa, que desconcertava e fazia perder a linha de gravidade ao mais ortodoxo auditor.

A propagação para estabelecer a Associação do Registo Civil, da qual foi um dos fundadores, teve, em Tibúrcio, o seu mais eloquente pregador nos centros políticos; isto numa época em que o sr. Afonso Costa cumprira para com os seus filhos, o primeiro sacramento da Santa Madre Igreja, se bem que, desde 1878, estivesse em vigor, promulgada por Tomás Ribeiro, a lei do Registo Civil para os não católicos.

Como esclarecimento para aqueles que o ignoram, cabe dizer que foi precisamente o escândalo produzido pelo episódio que há pouco citei, o que decidiu o poeta do D. Jaime, então ministro do reino, a redigir e decretar a referida lei.

Porque não aproveitou o moderno legislador do registo civil obrigatório a lei decretada em 1878, para a sanção jurídica da sua prole?

Eis o abismo onde o meu velho amigo se abstem de mergulhar a sonda, preferindo ignorar a sua profundidade.

Bisbilhoteiros a cujo nariz não escapa o mais recôndito escaninho, pretendem ter encontrado o X naquele para os não católicos, que então designava

suspeitos, ou seja maltrapilhos, escumalha, pés frescos, etc.

Tibúrcio foi dos primeiros recrutados na *chossa do Fundador da República*; esteve na Rotunda, carregou a escupeta no 14 de Maio, conspirou contra o Sidónio e, crucificado pelo reumatismo, arrastou-se até Monsanto.

Meses depois da instalação do Provisório, alguém de péso na balança nova procurou sua Cordialidade nos Estrangeiros para lhe recomendar, calorosamente, os relevantes serviços prestados ao novo regime por Tibúrcio Quintas.

«Esteja descansado, meu bom amigo, que não me esqueço; hei-de fazer tudo o que for possível» — prometeu cordialmente a Ex.^a

Um mês decorrido, nova tentativa obteve a mesma resposta, agora acompanhada de umas cor-dealíssimas palmadinhas no ombro, cujo efeito, no paciente, foi de este ficar de pé atrás.

A terceira tentativa foi feita numa espécie de ultimatum suavizado, de que sua Ex.^a compreendeu a gravidade, inquiriu da posição social do protegido: — «Se era jornalista?»

«Não, não é engraxador!» Envergonhou *Opas* foi nas chossas da carbonária arriscando a pele; não foi em exibição nas procissões — sua Ex.^a sorriu amarelo. — «E' um comerciante modesto, mas cujos serviços voluntários ao novo regime, cuja dedicação pelos seus representantes, porque, escondidos no anonimato contrastam com a retórica pedineira e o estilo de graxa e escova dos parasitas da imprensa — sua Ex.^a sorriu verde. — «E de mais», concluiu já de chapéu na cabeça — «é nada me pediu, ignorando até a minha iniciativa que não saberá da minha boca».

Muito contrariado, mas, recendo borrasca, sua Ex.^a enviou, por um contínuo, o seu cartãozinho perfumado ao illustre cidadão Tibúrcio Quintas, rogando-lhe a sua comparencia no ministério afim de trocarem impressões a respeito do seu pedido para o lugar que desejava.

Tibúrcio abriu o envelope, leu e ficou furo.

«Mas eu não pedi coisa alguma a este cortejo despeitado!»

Tirou da carteira um dos seus cartões, molhou a pena e escreveu: «Ex.^{mo} Sr. Conselheiro». «Em resposta ao seu convite só me ocorre esta expressão, banalizada por demasiada repetição... Não vale a pena! Reconsidero — e rasgo os dois cartões».

Creio ter feito, a apresentação do meu velho amigo.

* * *

No dia seguinte ao do atentado contra o dr. Pedro de Matos, como de costume, de passagem entrei sómente para provocar uma daquelas *salties* que Tibúrcio tem sempre engatilhadas — os cabelos brancos e o reumatismo não conseguem desarmar o seu bom humor.

Bastante excitado, estava discutindo o acontecimento com dois dos seus fregueses.

«Chega a propósito; estamos trocando impressões a respeito da selvageria de ontem Política à parte, diga, sinceramente, a sua opinião».

«Refero-se, sem dúvida, à selvageria de que foi vítima o juiz Pedro de Matos?»

«Isso mesmo». A minha opinião, amigo, é, pouco mais ou menos, a que lhe manifestei a respeito da selvageria do Terreiro do Paço, em 1908.

«Perdão!» — Replicou Tibúrcio — não pôde haver paridade entre um gesto libertador e o acto de um sicário!

«E' uma questão de lentes».

«Nesse caso — insistiu o meu interlocutor — Diogo Alves e Manuel Buíça são, no seu critério, duas peneiras do mesmo sobreiro?»

«Se por Diogo Alves quere

designar o agente da tragédia de ontem, aceite em absoluto.

Então Tibúrcio esclareceu nestes termos: — «D. Carlos assinou um documento cuja aplicação incidia sobre a metade da população do país a deportar para a África; o dr. Pedro de Matos... applicava a lei incidindo sobre a outra metade — concluí apanhando a deix».

«Trata-se — insistiu Tibúrcio — de defender a República, que é um regime de ordem, de progresso... e de violência! Interrompi a tempo».

Estou discutindo de boa fé; não posso admitir que, de *parti pris*, baralhe o regime democrático com a ditadura infame de um tarado!

«Menos estúpido, convenha, do que um Sá Cardoso e um Butes, que o amigo não escrupuliza em baralhar».

«Sá Cardoso e Butes defenderam a República dos ataques de duas trincheiras; Sidónio Pais estrangulou-a para a enterar em Monsanto».

«Não contesto o que é incontestável! Por seu turno, convenha comigo que quando a defesa dum regime democrático, está a cargo do despotismo, está sempre Sidónio com o pé no estribo prestes a montar».

«Entre a *Levada da morte* e a deportação sem julgamento, há, apenas, este signal a mais na primeira: — Fudo acabou — signal a mais ou menos, não posso precisar».

«A verdade é que a República não pôde ser responsável pelos erros — crimes se preferir — dos seus servidores»; sentenciou desarmado.

«Convenho, da melhor vontade; concessão que o meu amigo não fez ao regime deposto».

«E' que a monarquia era um cadáver insepulto, coberto de vermes!»

«Menos verminado com oitenta anos do que a sua República com dez incompletos!»

Tibúrcio curvou a cabeça, e eu continuei: — Hoje, como há seis mil anos, é o canibalismo quem superintende nos conflitos e mantém o equilíbrio nas sociedades humanas».

«Enquanto a repressão e a violência se mantiverem em cima, não desarmam em baixo o ódio e a revolta!»

E' o eterno dente por dente. Citei-lhe o conhecido parodoxo de Aphonse Karr: *que messieurs les assassins commencent; que eu virei do avesso*.

«Mas, para terminar: Inquiriu da minha opinião sobre o que classifica de selvageria que ontem teve lugar; aí vai em poucas palavras: — Mais criminoso do que o legislador que fabrica uma lei seclerada é o juiz que a applica».

Aquêle pôde ter agido sob o império de uma agitação nervosa; suggestionado pela leitura de um facto anormal que o noticiário, proposadamente, num estilo macabro, alarmado pela perspectiva de um perigo imaginário que na sua mente escandecida atingiu proporções dantescas. Fábrica a lei mas não prevê as suas consequências.

Este applica a lei a sangue frio, impassível perante a tragédia que está vendo desenvolver-se — as lágrimas, os soluços abafados, o desespero, o coração a estalar de dôr, as súplicas de uma mãe, de uma esposa, de uma filha ou de uma noiva; advinha o que não vê — um lar destruído, a fome e a miséria do dia seguinte, e a prostituição e o crime num futuro não muito longinquo!

«Não! No lugar do juiz, D. Carlos não applicava a lei que assinou; rasgava-a em pleno tribunal!»

«Isasível à suprema, dôr humana só existe uma criatura — o juiz!»

«Até amanhã, amigo».

Ignoro se as minhas razões calcaram no espirito dos dois fregueses de Tibúrcio. No dêle... o leitor, se é democrático e anticlerical, é quem pôde precisar.

URSUS.

Neno Vasco
Manifestação de pesar

Está definitivamente marcada para o dia 17 de Outubro, a manifestação, que os amigos e camaradas de saudoso Neno projetam realizar junto da sua campa.

A Comissão pede a todos os camaradas e agremiações que desejam tomar parte na manifestação a fineza de o comunicar à administração de A COMUNA afim de se puder calcular o número de lugares que se devem requisitar nos Caminhos de Ferro.

Operários chapeleiros

Reuniu a direcção e a comissão de melhoramentos desta classe em conjunto com os delegados de todas as fábricas de chapeus.

Entre outros assuntos, foi ventilada a necessidade de serem distribuídas, o mais breve possível, as cadernetas confederais; e a convocação para breve de uma assembleia geral na qual o operário Luís Lopes esporá as vantagens do ingresso da classe na Confederação e bem assim os deveres a cumprir para com aquêle organismo.

A familia civilizada

A civilização faz o contrario da natureza. Nas nossas cidades e segundo os nossos costumes, a virgem, nascida para viver à luz do sol, para admirar os lutadores nus, como na Lacedemônia, para a mar, encerram-na, aferollham-na; entretanto, ella oculta um romance debaixo do seu calvário; pálida e ociosa, corrompe-se diante do espelho, murcha no silêncio das noites essa beleza que a sufoca e que tem necessidade do ar livre. Depois, tiram-na, do improvisto, de af. ignorante de tudo, desconhecendo o amor, cheia de desejos; uma velha serve-lhe de educadora; murmuram-lhe ao ouvido uma palavra obscena e lançam-na no leito dum desconhecido que a viola. Eis o casamento, isto é, a familia civilizada da sociedade capitalista...

ALFREDO DE MUSSET.

Carestia da vida
e riqueza

Como em toda a parte, a vida, nos Estados Unidos da América, está caríssima. Todavia, os Estados Unidos constituem o país mais rico do mundo: quem lá, arrecadada, um terço da riqueza de todo o globo! Ao lado dos montões de ouro, reina a carestia do que é indispensável à vida... A vida dos pobres, é claro; porque aos ricos, não falta coisa nenhuma.

Ah! quantas lágrimas, quantas dôres, quantos sofrimentos e quanto sangue representará essa riqueza acumulada?

Sabe-se lá...

Num memorando publicado pelo ministro das Finanças da Alemanha, sobre as despesas que fizeram as tropas aliadas que occuparam a bacia do Reno, figuram numerosos dados, demonstrativos do esbanjamento a que se votaram, ali as referidas tropas.

Chegam a parecer inverosímeis as requizições assinadas pelos officiaes, alojados em villas das particulares alemãs.

Para citar um exemplo, o memorando diz que o tesouro alemão teve de pagar 350 mil marcos, para que o generalissimo aliado transformasse, a seu gosto, o palácio dum grand-duque!

Lá diz o adágio — do pão do nosso compadre, grande fatia ao afilhado. A occupação da bacia do Reno, foi, pois, um bródio para a soldadeca profissional aliada.

ANARQUISMO
OU BOLXEVISMO

Não é demais repeti-lo; o bolxevismo não é uma doutrina; é o nome dum partido socialista russo que, por uma série de circunstâncias, cuja applicação não vem agora para o caso, adquiriu um significado doutrinario.

Menos para os bolxevistas, hoje em dia, para todo-o-mundo, o bolxevismo é uma doutrina que tem por fim estabelecer a ditadura proletária, ultra-revolucionária e neo-marxista. Aceitemos, pois, esta definição politica e social que o bolxevismo representa nas lutas politicas.

¿Que é o anarquismo? Os dicionários falam-nos de um Estado sem governo. Mas como os homens que os fizeram não julgavam possível uma sociedade sem governo, de aí deduziram que a anarquia era sinónimo de desordem, caos, crime.

Admitamos, porém, a definição que poderíamos denominar de técnica ou scientifica, e deixemos as deducções que cada autor apresenta de um país sem governo, visto que não concebem uma ordem nem uma justiça sem uma autoridade que as imponha.

* * *

A palavra anarquia, com significado politico, encontramos-a, pela primeira vez, nas obras de Proudhon. No entanto, Proudhon não era anarquista nem o podia ser, porque a evolução intellectual politica, ou melhor, a evolução filosofico-politica, como a evolução organica, não passa de uma série de ideias para outra, nem de uma para outra série de seres, de uma maneira arbitraria, mas sim recorrendo, formando e assegurando a vida de todos os seres e de todas as ideias, antes de avançar para constituir novos individuos e novos pensamentos.

A Proudhon, para ser anarquista, faltava-lhe o antecedente filosofico-politico, isto é, a existencia duma série de ideias que o deixassem visonar uma sociedade sem governo. E como lhe faltava essa base ou principio, deu, é certo, com a palavra anarquia; mas não deu com a coisa anárquica.

Proudhon concebeu, porém, para a espalhar pelo mundo, a doutrina federalista, de onde provem o anarquismo politico. Notem que dizemos anarquismo politico; porque o anarquismo filosofico achava-se já nos pensamentos de Kant.

É por isso que o nosso grande Pi y Margall, que, como politico, era federalista e discipulo de Kant, era anarquista. São dêle estas palavras:

«*Homo sibi Deus*, disse Kant, filosofo alemão. «O homem é para si a sua realidade, o seu direito, o seu mundo, o seu fim, o seu Deus, o seu todo».

«E' a ideia eterna que se incarna e adquire consciencia de si própria; é o ser dos seres, é lei e legislador, moimarca e súbdito».

«¿Procura um ponto de partida para a sciencia? Encontra-o na reflexão e na abstracção da sua entidade pensante».

«¿Procura um principio de moralidade? Encontra-o na sua razão que aspira a determinar os seus actos».

«¿Procura o universo? Encontra-o nas suas ideias».

«¿Procura a divindade? Encontra-a em si próprio».

«Ora um ser que, em si, reúne tudo, é indubitavelmente, soberano».

«Assim, o homem, todos os homens são ingovernáveis. Todo o poder é um absurdo».

«E todo o homem que estende a mão sobre outro homem, é um tirano. Mais: é um sacrilego».

É desta fórmula que se compreende que as ideias filosoficas que há nas obras do immortal autor da *Historia da Pintura* sejam superiores às ideias politicas que descreveu nos seus programas. Era o filosofo que, olhando para o estado geral dos homens, fazia concessões ao politico.

* * *

A democracia e a concepção federalista das sociedades, não são mais do que uma desintegração da autoridade colectiva e pessoal.

Desintegrado o poder do Estado pelos poderes regionais, desintegrados os poderes regionais pelos poderes municipaes, e desintegrados os poderes municipaes pelos poderes individuais, o poder divide-se e particulariza-se.

Desintegrado o governo de um (absolutismo) pelo governo de todos (democracia), o governo divide-se e individualiza-se. E ao esfumar-se e particularizar-se o poder do Estado e a autoridade do imperador ao rei, ficam espalhados pela colectividade, recolhendo cada individuo a porção que, pela cultura e discernimento, lhe corresponde.

Se a autoridade e o poder que, ontem, estavam nas mãos de um, hoje estão nas mãos de todos, esse poder e essa autoridade não desapareceram da terra: não fizeram mais do que transformar-se, humanizar-se, generalizar-se.

Este mandato de ordem, de que equidade, de justiça social que, em antes, podia vir para mim de outra pessoa, agora reside em mim, está na minha illustração, na minha liberdade, no meu amor, na selecção que eu represento, no auxilio que outra sociedade representará para mim, na própria necessidade que tenho de respeitar e de amar para ser amado e respeitado. Eis a anarquia».

Como se vê, a anarquia é a evolução; é a distribuição da moral e das sciencias universaes; é a fruição de todos os bens terrenos».

E' a admissão livre dum estado social que em nada se parecerá com os Estados actuaes».

A anarquia não pôde impôr-se. A anarquia não é o salto arbitrario duma classe que, de dominada, passa a ser dominadora».

A anarquia não é a força que vence outra força, nem a ditadura que vence outra ditadura; é o homem livre, todos os homens livres, não como agora, livres e iguaes perante a lei, apesar de escravos do que possui mais riqueza — mas sim todos livres, por serem todos iguaes; por terem recebido, todos, a suma cultura e a suma illustração; distinguidos unicamente, mas não divididos, pela maior ou menor capacidade individual, que não será tam diferente como é agora nem nos dará maiores ou menores direitos nos dons e gôsos da vida — todos os disfrutarão a seu bel-prazer».

* * *

Portanto, os únicos adversarios que pôde ter o bolxevismo, a ditadura proletária — o neo marxismo — são os anarquistas.

A burguesia pôde vencer o bolxevismo com as suas próprias armas e processos. Mas o ideal anarquista, o homem voluntariamente livre, livre na terra e no céu, que são seus, nada tem que ver com uns e muito pouco com os outros».

FREDERICO URALES.

NOTAS DUM PERDIDO

XXX

Se o amigo leitor não é dado a grandes leituras sobre assuntos ou acontecimentos internacionais, ou se os lê e os não retém na memória, devo recordar que a Turquia também andou embrulhada na grande guerra, e que foi contra os nossos aliados que ela se bateu e ainda se bate.

Pois bem, amigo leitor; sabendo isto, é o que dirás se eu te dizer que a imprensa francesa, em 1913 e 1914, recebeu mais de 2 milhões de francos de suborno para defender a necessidade do povo francês contribuir e suportar o empréstimo turco de então? Que, desse dinheiro, o jornal *Figaro*, se bateu com 120 mil francos; *Le Temps*, se regalou com outros 120 mil francos; o conspícuo *Matin*, se alapardou com 170 mil francos; e *Le Journal* se locupletou com 282.500 francos?

Isto, o que se sabe quanto a estes quatro acérrimos defensores da pátria francesa, o que não quer dizer que outros seus contemporâneos e por todas as nações, incluindo Portugal, a burguesa avançada do progresso dos mesmos, não recebesse ou não fosse capaz de receber ou se deixar subornar. O cavaleiro que pagava os artigos de defeza do empréstimo abotoon-se com 487 mil francos, de percentagem, e olha que, a ele, tanto se lhe daria subornar franceses como ingleses ou alemães, turcos, italianos ou portugueses.

Uma infâmia dirás, encolhendo os ombros, a juntar a tantas outras que temos observado, não é verdade? Sim, esta extraordinária revelação, que eu li na *Humanité*, de 22 de Julho, é realmente uma infâmia como tantas outras. Concorde, porém, que esta mostra bem claramente o estôfo escrupuloso da imprensa burguesa de todos os países, apoiada pelos magnates financeiros, a quem defendem os sórdidos interesses, por mais extra patriotas que sejam, ao mesmo tempo que forcem os povos a chacinna mútua sempre que desinteligências surgem na divisão dos respectivos lucros.

Se és ex-combatente da Flandres, as ordens dos Norton de Matos ou dos Afonsos, depois de saberes mais esta infâmia, diz-me já, ainda terias vontade de ir combater os boches, os turcos ou quaisquer outros, lá porque a imprensa rica e dos ricos te diria que eram inimigos da civilização e da pátria deles?

XXXI

A nossa COMUNA noticiou, há já semanas, a infâmia dos imperialistas franceses, em trazerem tropas de côr para lhe defenderem os apetitos e as ambições sobre as populações ronaas. Essas tropas alistadas obrigatoriamente e vindas de Algéria, da Tunísia, de Marrocos, de Madagascar e da Africa Ocidental, serão uma ameaça para os trabalhadores europeus em acesos momentos

de reivindicações e de luta social. Tendo sido os primeiros factos revelados por E. D. Morel, é ele ainda quem agora vem desmascarar, num seu panfleto (*The Horror on the Rhine*) mais outro dos vergonhosos crimes dos civilizadores caserneiros, fanstosamente pagos pela finança imperialista, usurpadora e ignóbil.

E' por ele que agora acabamos de ter conhecimento das infâmias que, militares sem escrúpulos, exercem nas áreas ocupadas além Reno, confessadas nas suas próprias ordens de serviço, as mais repugnantes, regulamentando os bordos, em Munchen-Gladbach, porque «devido à escassez de fundos municipais apenas duas mulheres são admitidas a fazer serviço, tendo o general de brigada elaborado uma tabela, estabelecendo que cada uma das mulheres receberá 10 homens, entre as 5 e as 9 horas da tarde, e ainda que os bilhetes dando prioridade serão regularmente distribuídos entre os soldados».

A *Liga das Mulheres Ronaas*, diz que «uma das mais tristes e mais desmoralizadas características destas instituições, é o efeito que exerce sobre as crianças que presenciavam as longas filas de soldados esperando pela sua vez». A um administrador, de uma dada cidade, que hesitou estabelecer um bordel foi-lhe dito que a sua hesitação o tornaria responsável e levaria ante um tribunal militar.

De que infâmias e hediondos crimes a civilização burguesa se mantém! E há acarneirados que ainda a defendem e julgam necessária!

XXXII

A civilização egípcia é das mais antigas civilizações conhecidas, de que a história ressa, e, segundo esta, o mundo moderno deve-lhe muitíssimo. Teve também a sua era — a era egípcia — que começou 747 anos antes da cristã — e cada ano da qual tinha 365 dias, mas sem ano bissexto. Pois apesar disto, entenderam os outros que eles precisavam que lá fossem civilizá-los, e eis que os turcos foram por lá um dia, em 1163, e conquistaram o Egipto; sendo corridos, voltaram por lá em 1567, e quando Bonaparte o foi invadir e conquistar para a França, em 1798 — vejam isto os papalvos — foram lá os ingleses, em 1801, e recolocaram novamente os turcos.

Fonte de intrigas, para ver qual das chamadas grandes potências europeas exerceria ali mais influência e tutela, os ingleses — vejam isto os espertos — bombardearam a Alexandria, em 1882, e há tempo que eles ali exerciam o protectorado, até reconhecido pela Liga afamada das Nações, bem contra a vontade das populações, que sempre se esforçavam por correr com os importunos, com actos pouco agradáveis para estes.

o que teve febre o o que fez e lhe aconteceu... o diabo!

Isto faz-se, e diz-se, divulga-se e anuncia-se como se fosse regularissimo, como se fosse uma coisa premiável pelas leis, em vez de ser castigada.

Então quem é anarquista? Se os senhores dão tais exemplos, quem querem que não haja discípulos que lhe tomem a sério a lição?

Se bem me lembro V. Ex.^a já teve um duelo não sei com quem e se o não teve aceitou-o e preparou-se para ele. O duelo é proibido pela lei que a autoridade fez. V. Ex.^a foi anarquista, pelo menos nessa ocasião, porque desprezou e foi de encontro à ordem da autoridade. Quantas mais o terá sido!...

E eu não lhe levei isso a mal,

A nossa Alegoria

Encontra-se já á venda na nossa administração, a magnífica alegoria publicada no nosso 1.º número e impressa em separata em ótimo papel.

O seu preço é de \$25 cent. cada exemplar, vendendo os pedidos virem acompanhados da respectiva importância.

Nos nossos assinantes

da América do Norte

Participamos aos nossos estimados assinantes dos Estados Unidos da América, que podem fazer o pagamento das suas assinaturas ao nosso camarada Manuel Moutinhos, 124 c County Street — New Bedford Mass.

Lêde e propagal

A COMUNA

... Semanário Comunista ...

Já este ano, um influente no movimento contra os ingleses, por estas palavras falou ao maior representante da autoridade inglesa, ali: — Os egípcios não ignoram os vossos interesses nem os dontras potências, mas a caridade bem entendida, começa por nós próprios. A nação inteira clama independência e seria portanto inútil falar qualquer outra linguagem. Não esqueceremos o vosso poder; mas se os egípcios se curvam hoje ante a força aproveitarão a primeira oportunidade para se revoltarem. A garantia da força não é eterna. Um provérbio arabe, diz: Receia o teu inimigo, mas receia mil vezes mais o teu amigo, porque o teu amigo pódo ser teu inimigo e ele saberá melhor como prejudicá-lo. Entre a Síria, ocupada pela França, e Tripoli, ocupada pela Itália, é melhor para vós que o Egipto seja independente e amigo.

Há dezoito meses ainda os rebeldes á occupação inglesa foram deportados; e agora, em fins de Agosto, talvez porque os provérbios e conselhos da velha civilização sejam bons avisadores, sobretudo quando são precedidos ou seguidos dos consequentes actos, os ingleses foram levados a reconhecer a independência do Egipto. Os ingleses ainda ficaram occupando o vale do Nilo e o Canal de Suez, mas, como eles próprios o reconhecem, fugiu-lhes o Egipto e com a permanente efervescência dos arabes sobre eles, sentem que o imperialismo da Inglaterra se vai começando a desconjuntar.

Ainda bem, até mesmo, para os que, como eu, pouco se importam com a divisão da terra em pequenas ou grandes nacionalidades. E devemos saber porquê...

GRAND-GOSSE.

quando a outra. Quando uma appareceu na terra, a outra pôz-se-lhe logo na frente. Uma disse: eu hei-de governar o mundo; a outra respondeu-lhe: veremos!

Se não são o Deus e a serpente do genesis, são o Caim e o Abel.

Por parte de Adão e Eva, todos nós somos irmãos; por parte dos mesmos sujeitos, todos somos anarquistas.

Deus é a autoridade; foi ele quem criou em si ou de si mesmo a anarquia. Como os extremos se tocam! Se ele não quizesse ser tão rigoroso e esperto, se não quizesse ser tão autoridade, não lhe succedia mal nenhum.

Ele criou o homem e disse-lhe: não comas daquilo! A autoridade a mandar.

Mas depois creou, ou já ti-

CALEIDOSCÓPIO

Os lucros industriais

The Economist, interessante revista inglesa, publicou um estudo muito elucidativo sobre os lucros industriais, de 1.406 sociedades inglesas, durante o exercício de 1919-1920. Assim, e segundo a documentação adquirida pelo articulista, os lucros das referidas sociedades podem calcular-se em 119.203.961 lbs. esterlinas, contra 98.507.899, do exercício de 1918-1919.

O autor do estudo chega á seguinte conclusão:

«Com um tão grande aumento de lucros, é porque será que os industriais não proporcionam aos operários mais um pouco de bem estar?»

Ora porque ha-de ser: porque os operários não querem. Se quizessem, ficavam com aquilo que lhe comem os paraltas...

Al valentes...

A propósito daquele incidente dos mutilados da guerra, que «assaltaram» o parlamento belga para obrigar os deputados a conceder-lhes, por lei, um subsídio que lhes foi prometido no momento da incorporação, caso a que A COMUNA se referiu, encontramos num jornal de Bruxelas os seguintes informes:

«Os social-patriotas, no momento da invasão dos mutilados, foram «dignos» da sua reputação — eles, e só eles, é que defendêram calorosamente o prestigio do Parlamento burguês... Erguidos como um só homem aplaudiram entusiasticamente as palavras do presidente da mesa; os eleitos do povo não delibaram sob ameaças.

Como vão longe os tempos em que os deputados social-patriotas de hoje levavam as massas operárias a fazer pressão sobre os deputados burgueses, para eles aprovarem qualquer lei que interessava ao partido socialista! Mas, nessa época, ainda eles não eram deputados, nem tinham ombreado com Suas Magestades!

E' ou não sintomática a attitude destes social-patriotas? Por cá também há disso. Infelizmente, como diz o galego ali da esquina...

Morto de fome

No estado de Maine (E. U. A.) foi encontrado, prostrado na rua, um operário conhecido pelo sobriquet de Dubuque. Sendo recolhido no hospital, faleceu, pouco depois dali ter entrado. O médico assistente declarou que Dubuque morreu de fome. E que era infame que, num país tão rico, se dessem casos como aquele a que assistira.

Realmente, o doutor teve razão nas suas considerações. Num país onde se nada em dinheiro, é mesmo dum fulano ficar boquiaberto ao saber que morre lá gente á fome. O certo porém, é que não ha-de ser com as palavras do doutor que se transformará o actual estado de coisas. Melhor seria que ele, revoltado com o que observou, se juntasse aos revolucionários sociais para dar com-

PRÓ "A BATALHA"

Continuamos publicando diversas quantias para auxilio do intrépido órgão das classes trabalhadoras, A BATALHA há pouco assaltado por um grupo de sicários.

A contribuição monetária em favor da BATALHA é ainda uma forma de protesto contra o vil atentado, protesto que os trabalhadores devem intensificar cada vez mais.

Transporte . . .	204\$65	Transporte . . .	263\$45
Joaquim M. da Silva		Lista entregue por J. Roboredo:	
— Vila do Conde . .	2\$50	Roboredo	2\$50
Bernardo D. Rezende .	\$30	António M. Pires . . .	1\$00
Manuel Sameiro—Vila do Conde	1\$00	Domingos Pinto	\$50
António Martins	\$100	Espartaco	\$50
Manuel Ferreira Santos—França	4\$00	Gaston Cabral	\$10
Centro Comunista do Pôrto	50\$00	Alfredo C. Silva	\$50
		Américo P. Dias	\$50
		Augusto Teixeira	\$50
		Mário Augusto	\$50
Soma	263\$45	Soma	270\$05

BEIAM A minha defesa

— POR —
JORGE ETIEVANT
Preço, 50 reis
A' venda na redacção de A COMUNA

LEDE A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Porta-voz da organização operária portuguesa

bato sem tréguas aos causadores de tanta miséria. Era mais prático, mais lógico, e, sobretudo, mais humano.

Fabrico de manteiga
Estatísticas americanas, dizem-nos que, em todas as cidades da república de Wilson, o fabrico de manteiga, no ano passado, foi de uma tonelada por minuto!

Mosalco
A lei nunca formou um grande homem; é a liberdade que cria os gigantes do pensamento — os génios, os sábios e os talentos — Schiller.

Fecho alegre
— Vi o diabo! vi o diabo! — gritava aflitivamente um padre ao chegar ao hotel onde estava hospedado.

— Olhe que talvez não fosse — observa-lhe um patusco.
— Era, já lho disse — torna o padre. Eu vi-o, projectado na parede e fiz-lhe uma cruz.
— E que forma tinha ele?
— A de um burro...
— Ora bolas. Isso então havia de ser a sua sombra!

ALFA & BETA
nha creado a serpente e segredou-lhe ao ouvido: vai dizer a Eva que coma e que dê um bocado ao marido!

A serpente é a anarquia, o protesto contra a autoridade de Deus; mas Deus foi o creador de tudo, sem excluir a serpente. Deus foi, pois, o creador da anarquia. A autoridade Suprema a gerar a inimiga fidagal...
Eva e Adão seguiram o caminho da serpente, o partido da revolta, o partido da anarquia; e nós, como filhos dos dois, somos originariamente anarquistas.

Mas Adão era inocente e bom; pecou por ignorância; Eva maliciosa. E ambos ficaram, e deram geração os dois. A autoridade e anarquia continuaram ficando uma ao lado da outra. Caim e Abel são os

Niilistas de Fábrica coberta

Acontece, que um já celebre manifesto por aí distribuído, com o titulo *Alerta* vem assinado — salvo erro ou omissão — pelo *Comité Niilista do Norte*.

A consequência imediata do referido manifesto — foi como noutro lugar referimos — a prisão de vários camaradas, e provavelmente a consequência futura será um aumento de ordenado aos policiaes condenados... á morte.

Ora nós, que duvidamos muito da existência de semelhante coisa — o terrífico comité — e ainda mais duvidamos das boas intenções de quem de tal forma se rotula, aconselhamos os nossos camaradas a evitarem o contacto com os tais niilistas de fábrica coberta, que podem muito bem ser... agentes provocadores encapotados.

Aos nossos assinantes

Estamos constantemente recebendo queixas dos nossos prezados assinantes do Pôrto, Lisboa e provincias, contra a maneira irregular como o nosso jornal lhes é entregue. Muitos até atribuem-nos a responsabilidade directa dessa irregularidade.

Não é verdade. O jornal é, salvo raríssimas excepções, expedido daqui muito a tempo de ser recebido pelos assinantes e agentes, ao domingo. O mal vem portanto dos correios. Não reclamamos superiormente porque sabemos serem os funcionários superiores dos correios, *impotentes* para remediar o mal.

Simplemente nos limitamos a *suplicar* ao pessoal menor de todas as estações de correio, para que tenham em alguma consideração as publicações operárias — visto que também lhe interessam — reservando o seu *descuido*, se acaso *descuido* há, para a imprensa e correspondência, burguesa e commercial, das quais nenhum beneficio vem para a humanidade.

novos representantes dum e outro principio. E' o bem e o mal, a luz e a treva das religiões indianas.

Caim assassina o irmão. Caim é a autoridade; Abel pódo ser a anarquia. A autoridade julgou ter morto a irmã, a anarquia; mas Caim vê o olho de Abel em toda a parte, fixo sobre ele, reluzente, ameaçador. O remorso muda-se em terror e superstição. Não estará bem morto Abel?

¿ A qual dos dois a autoridade e a anarquia, pertencorá o triunfo? Se Abel não está realmente bem morto, ¿ a qual dos dois irmãos caberá a vitória na luta que mais tarde há-de ferir-se?

F.M.

6 Folhetim de A COMUNA

A AUTORIDADE

Excerto duma CARTA ABERTA do Dr. Eduardo Maia a M. Pinheiro Chagas : : : : :

E' proibido pelas leis o duelo; mas, os senhores fazedores das leis e militares, duplamente sujeitos á obediência — ao rigor das ditas leis, batem-se em duelo á vontade, a fingir ou a valer o as respectivas testemunhas, militares ou empregados públicos, veem depois, anunciar nos papeis públicos que o senhor fulano ficou com um golpe numa orelha e o outro com um beijo rachado